

Entre Vistas e Olhares

Lindamir Salete Casagrande
fala aos
Cadernos de Gênero e Tecnologia¹

O que um/a professor/a de matemática tem a ver com estudos de gênero? A maioria dos estudantes de engenharia são homens, seria coincidência ou simplesmente as meninas não se interessam por essa área? E o que alguém que nasceu no interior do Paraná, com pais semianalfabetos, tem a dizer sobre isso? TUDO! Ainda mais quando esse alguém tem uma história de superação de vida e um amplo conhecimento, resultado de anos de estudos e pesquisas. Os Cadernos de Gênero e Tecnologia tem a honra de publicar uma conversa com a professora doutora Lindamir Salete Casagrande. Lindamir é matemática, professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), sua área de atuação e orientação é gênero, ciência e tecnologia e educação, sendo uma das pesquisadoras desta área com o maior número de publicações do país.

Lindamir compartilha conosco a sua trajetória pessoal e profissional, refletindo sobre o lugar da mulher nas ditas “ciências duras” e sobre os estudos de gênero e educação no país, seus avanços e desafios perante um cenário político conservador.

Uma boa leitura!

CGT – Lindamir, poderia nos contar um pouco da sua trajetória de vida e sua trajetória profissional, enfocando em que momento as questões de gênero te saltaram aos olhos?

Lindamir - Sou a filha mais nova de uma família de oito filhos com pais semianalfabetos. Meus pais não viam a educação como algo importante (era algo corriqueiro na época e naquela região). Não sei por qual motivo eles decidiram que os dois mais jovens (meu irmão e eu) iriam estudar e com oito anos, depois de ter reprovado no 1º ano por não saber ler em livro, só sabia na cartilha, eu fui morar na cidade (meus pais eram colonos), em casa de família de amigos para poder frequentar uma escola melhor. Lá eu auxiliava nos afazeres domésticos em troca de moradia e comida. No ano seguinte meus pais se mudaram para a cidade e logo depois se separaram. Mudamos de cidade e quando eu tinha doze anos e havia concluído a 6ª série minha mãe disse que eu não iria mais estudar, pois, já tinha estudado o suficiente para uma mulher e que para ser costureira já bastava (minha mãe queria que eu fosse costureira como ela. Dizia que eu tinha cabeça “boa” para a costura, mas eu queria ser professora de matemática). No último dia de matrícula eu fugi de casa e fui para a escola. Menti para a secretária que minha mãe não podia ir fazer minha matrícula e tinha pedido para ela fazer para mim. Como eu

era uma boa aluna, ela me matriculou. Voltei para casa sabendo que iria apanhar, mas, para minha sorte, uma vizinha resolveu interferir (a vizinhança toda estava mobilizada a minha procura) e eu escapei da surra e continuei estudando com a ameaça “ai de você se tirar uma nota baixa”. Eu não fiquei preocupada pois adorava estudar e tinha ótimas notas.

Daí não parei mais. Fiz licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática. Comecei a ministrar aulas na rede pública e logo passei no concurso e comecei a lecionar no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR), hoje Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) na unidade de Pato Branco em 1994. Mudei para Curitiba onde fiz mestrado e doutorado em tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) com a temática de gênero. Tive a oportunidade de fazer o pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador também com a temática de gênero.

Como eu me aproximei dos estudos de gênero? Ou melhor, quando eu percebi que o fato de ser mulher me colocava em desvantagem? Isso se deu no relacionamento com meu irmão. Eu, minha irmã e meu irmão morávamos com a mãe, trabalhávamos no mesmo supermercado e tínhamos salários parecidos, porém, os serviços domésticos eram incumbência só de nós mulheres. Ele não fazia nada e ainda reclamava para contribuir financeiramente com as despesas da casa. Eu me incomodava e me sentia injustificada com isso. No colégio, o professor de geografia me provocava pois sabia que eu iria retrucar e isso geraria o debate que ele queria (acho!?). Eu não ficava quieta diante de comentários machistas que, na época, eu nem sabia como classificar. Porém eu achava que isso era só implicância minha, não sabia que tinha uma área do conhecimento que estudava isso.

Quando mudei para Curitiba fui trabalhar no PPGTE e lá eu tinha contato com as/os estudantes do mestrado e, num desses momentos, dois estudantes, um homem e uma mulher, pararam em frente à minha mesa e começaram a falar sobre o Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec) que estava iniciando suas atividades. Daí caiu a ficha que o que eu pensava não era implicância, chatice minha, é sim, uma área do conhecimento. Me interessei e comecei a conversar mais sobre o tema. Como minha primeira paixão foi a matemática, comecei a pensar sobre os enunciados que eu via nos livros didáticos desde minha época de escola. Era frequente encontrar enunciados mais ou menos assim: “Um pai recebeu uma herança e resolveu dividir entre seus três filhos, João, Joaquim e José...”. Naquela família não tinha mãe e nem filhas e se tivesse um bichinho de estimação seria um macho. Comecei a conversar com aqueles dois estudantes e amadurecer a ideia que depois se transformou em minha dissertação defendida em 2005. A partir daí os estudos de gênero se tornaram minha segunda paixão e acho que até superou a matemática.

CGT - A matemática é considerada uma “ciência dura”, onde se “trabalha com números”. Por que discutir gênero nas salas de aula de matemática, e mais, qual é a importância para um/a professor/a de matemática ter uma formação, ou simplesmente a conscientização, sobre as questões de gênero?

Lindamir - Os números não estão dissociados da vida. A Matemática está presente em todos os espaços por onde circulamos, portanto é afetada e afeta a todas e todos. A educação é uma das formas de se mudar a realidade das crianças, adolescentes e jovens que, muitas vezes, vivem em ambientes hostis para com as mulheres e as demais pessoas que fogem ao padrão construído como “normal” (homem, branco, heterossexual). A matemática sofre preconceito porque se construiu em torno dela, uma aura de disciplina difícil, inalcançável para muitas/os, coisa de maluca/o. Desta forma, mesmo que involuntariamente, acaba afastando muitas pessoas do processo da escola. Existe alguns estudos que afirmam que as mulheres têm menos habilidade com a matemática, coisa que eu não concordo. Sendo assim, é importante tornar as aulas de matemática um espaço de igualdade onde todos e todas se sintam estimuladas/os a se desenvolverem e aprenderem. Assegurar isso é papel do/a professor/a e para isso, temos que estar preparadas/os para abordar a temática sempre que aparecer. Também é possível propor atividades que proporcionem a discussão sobre os estereótipos de gênero no cotidiano da vida em sociedade. Não é uma tarefa fácil, mas é possível.

Por outro lado, as manifestações de preconceito não escolhem hora e nem lugar para acontecer, então todos as/os professoras/es precisam estar, pelo menos, sensibilizadas/os para as questões de gênero. As desigualdades de gênero são a razão para tanta violência contra as mulheres e população LGBT. As mulheres são as que mais sofrem as consequências das crises econômicas e da pobreza. Isso tudo já foi comprovado por pesquisas, ou seja, não é “achismo”, é “cientificamente comprovado” para quem gosta desta cientificidade.

As relações desiguais de gênero só serão combatidas quando se tornarem um problema. Se a pessoa não vê problema em uma situação não fará nada para transformá-la, isso não a incomodará. Se não há problema não é necessário fazer nada para mudar a situação, já que não há o que mudar. Sendo assim, a/o professora/r de matemática tem que buscar uma formação que as/os habilite a abordar essa temática sempre que surgir em seu cotidiano escolar. Situações de preconceito e discriminação devem ser abordadas no momento em que acontecem para que não se perca o contexto. Para realizar esta abordagem de forma adequada é necessária a formação contínua.

CGT – Seguindo esta questão, vivenciamos um verdadeiro desmonte sobre as discussões de gênero no âmbito educacional brasileiro, desmonte esse pautado por discursos e pré-conceitos fundamentalistas e religiosos. Como educadora e pesquisadora da educação, que análise você faz do atual cenário da educação brasileira e quais os riscos da retirada das discussões de gênero das salas de aula.

Lindamir - Infelizmente as medidas tomadas por um governo ilegítimo gerou um desmonte com relação às políticas em prol das mulheres, das populações LGBT e negra. O desmonte da Secretaria de Políticas para Mulheres foi um retrocesso muito grande. Essa era uma conquista, fruto de muita luta do movimento feminista e que, dentre suas ações, buscava o estímulo à participação das mulheres nas ciências, buscava assegurar os direitos das mulheres, promovia editais que financiavam exclusivamente pesquisas sobre gênero, oferecia cursos de formação

de professoras/es sobre a temática de gênero, dentre outras ações. Estávamos em um momento de crescimento.

O desmonte começou com o ataque impetrado pelas/os vereadoras/es, Deputadas/os Estaduais, Federais e Senadoras/es aos planos de educação. Para tal distorceram os conceitos e finalidades da abordagem de gênero no ambiente escolar. O que eles/as diziam que seria abordado pelos/as professores/as eu mesma seria contra. Por meio da distorção e da manipulação de uma população pouco esclarecida, conseguiram apoio para retirar a palavra gênero dos planos, porém, não conseguiram tirar a determinação e coragem das pessoas que persistem fazendo seu trabalho com dedicação e determinação. O ataque aos direitos das minorias culminou com o golpe contra a Presidenta Dilma que colocou no poder uma quadrilha mal-intencionada.

Ao mesmo tempo que vemos esse retrocesso impetrado por políticos/as que distorcem as atividades realizadas pelas/os professoras/es para formar cidadãos/ãs mais conscientes da importância de respeitar à diversidade e aos direitos do outro, vemos uma linha crescente com relação aos índices de violência contra as mulheres, a população LGBT e a população negra. Este fato demonstra que abordar gênero e diversidade com os/as estudantes é fundamental para que se possa mudar esse cenário.

O grande risco de não se abordar gênero em sala de aula é a formação de pessoas que não tenham consciência da importância de se respeitar a diversidade e, com isso, a violência de gênero continue aumentando.

Este é um momento que necessitamos estar mais fortes e unidas/os do que nunca. Mesmo contra a vontade de políticos e grupos reacionários e deterministas, o trabalho continuará sendo feito. Está mais difícil sim, porém a persistência, determinação e compromisso com a educação falarão mais alto.

CGT – Em sua dissertação de mestrado, você analisou as questões de gênero em livros didáticos, já em sua tese, você foi a campo, ver as relações de gênero nas salas de aula de matemática. Com essa vivência de pesquisa, que relação você faz entre os materiais didáticos utilizados e o dia-a-dia das salas de aula no que diz respeito às questões de gênero? Há uma relação direta?

Lindamir - Os livros didáticos são importantes instrumentos na formação das/os estudantes. Eles acompanham meninas e meninos ao longo de sua trajetória escolar e acabam assumindo um papel de autoridade, como se o que estivesse escrito e desenhado ali fosse a expressão única da verdade, afinal, foram escritos por pessoas supercapacitadas e que dominam os conteúdos de cada disciplina. Portanto, desenvolver a capacidade de criticar as imagens e textos apresentados nos livros didáticos não é uma tarefa simples e fácil sequer para as/os docentes, imagina para as/os discentes. É mais fácil assumir este conteúdo como verdadeiro e adequado sem questioná-lo.

Desta forma, se os livros trouxerem, em suas páginas, situações que denotam preconceito com relação a qualquer ser humano, de forma explícita ou implícita,

pode contribuir para que o preconceito, a discriminação e o desrespeito se mantenham e se renovem no ambiente escolar e ultrapassem os muros da escola se alastrando pela sociedade.

Em minha concepção, as mudanças com relação as desigualdades de gênero passam pela elaboração de livros didáticos mais igualitários, que permitam que todas/os as/os estudantes se vejam representadas/os e estimuladas/os a permanecerem no espaço escolar. Livros didáticos igualitários e democráticos podem contribuir para a minimização das desigualdades de gênero e para a promoção do respeito à diversidade no ambiente escolar.

Porém, mesmo um livro que apresente situações nas quais se percebe preconceito pode se transformar em ferramenta para a promoção da igualdade. Este tipo de situação pode ser utilizada como ponto de partida para a discussão sobre a temática com as/os discentes, entretanto, para que isso ocorra é necessário que as/os docentes estejam preparadas/os para tal e isso infelizmente não acontece no Brasil.

CGT - Em sua pesquisa de pós-doutorado, você trabalhou com estudantes de cursos de engenharia. Poderia, brevemente, nos contar a que resultados você chegou, ou seja, no que diz respeito às questões de gênero, qual é o panorama dos cursos de engenharia?

Lindamir - As engenharias continuam se configurando em um reduto masculino. A minha pesquisa demonstrou que, em 2013, as mulheres eram a minoria dos/as discentes de engenharia, tanto na UTFPR (16,1% no *campus* Curitiba e 23,5% no *campus* Pato Branco) quanto na UFBA (20,4%). Esses números podem ser reflexo da construção social de que engenharia é difícil e, que por isso, as mulheres, menos inteligentes e capazes, deveriam se manter distante delas. Porém, há que se destacar que, se engenharia é difícil, o é para todas e todos independente do sexo, da cor da pele, da orientação sexual, da crença religiosa, da idade, enfim, a dificuldade se apresenta de forma igual a qualquer pessoa. Também temos que ressaltar que as mulheres são tão inteligentes e capazes quanto os homens, e por isso podem e devem, caso queiram, se dedicar às engenharias.

Porém, o estudo demonstrou que as engenharias se configuram sim como mais difícil para as mulheres. Isso se dá devido ao preconceito que as mesmas têm que enfrentar para ingressarem e se manterem naquele ambiente. Elas têm que conviver com piadas machistas, com assédio moral e sexual, com falta de credibilidade tanto por parte de professoras/es quanto de estudantes. O preconceito é que torna o curso difícil para as mulheres e não o conteúdo das disciplinas.

A pesquisa me deixou com algumas perguntas: Até quando as mulheres terão que demonstrar, incessantemente, que são capazes? Até quando o machismo vai expulsar mulheres dos ambientes universitários e do mercado de trabalho? Até quando o machismo vai tornar nossa caminhada mais árdua? Até quando?

CGT – Partindo de sua vivência como pesquisadora e professora de educação básica e ensino técnico, o que você diria para uma menina que está iniciando seus estudos e sonha em ser uma matemática ou engenheira?

Lindamir - Segue em frente! As mulheres têm demonstrado força, capacidade e inteligência para superar situações adversas, então, não deixe que ninguém diga que você é incapaz, nem mesmo você (não sei quem disse isso, mas gostei e adotei!).

Este é um espaço que as mulheres podem e devem ocupar, mesmo sabendo que muitos obstáculos serão impostos a elas pelo simples fato de serem mulheres, porém, estamos conseguindo derrubar barreiras e conseguido espaço e reconhecimento. Estas carreiras também são mais valorizadas social e financeiramente e, portanto, precisam ser ocupadas de forma mais igual.

CGT – Dentro do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da (UTFPR), onde você diplomou-se mestra e doutora e hoje é docente, você foi uma das fundadoras e é uma das editoras dos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT), reconhecido nacionalmente como a principal publicação dos estudos de gênero e tecnologia do Brasil. Poderia nos contar como foi o processo de criação dos Cadernos de Gênero e Tecnologia, quais são seus objetivos e os desafios de manter uma publicação como esta?

Lindamir - A caminhada não foi e não é fácil! A ideia dos CGT surgiu em uma das reuniões do GeTec no ano 2004 e tinha o objetivo de visibilizar os trabalhos de suas/seus participantes que eram apresentados em congressos em nível nacional e desconhecidos das/os demais participantes. Era para ser uma publicação de circulação interna, porém, ao finalizar o primeiro número, eu e a Juliana Schwartz, encarregadas de fazer a editoração e primeiras editoras dos CGT, percebemos que era muito trabalho para pouca divulgação e pouco reconhecimento, e, então, começamos a pensar em transformar em uma publicação com divulgação nacional, com ISSN e aberta para pesquisadoras/es nacionais e internacionais. Conversamos com o coordenador do PPGTE na época, professor Gilson Leandro Queluz, que nos apoiou de imediato, porém, algumas/uns participantes do GeTec consideraram que nós estávamos sonhando muito alto. Seguimos em frente e em 2005 já publicamos os Cadernos de Gênero e Tecnologia como sendo um periódico do GeTec/PPGTE e ele continua vivo até hoje.

Neste período de existência (14 anos) enfrentamos diversos problemas, de modo especial, com relação a pessoal para revisão e diagramação, porém, conseguimos manter a publicação viva e, no ano de 2017, fizemos a migração para o meio digital, fato que dá mais visibilidade e facilidade de acesso aos artigos publicados. Também neste ano, os Cadernos foram assumidos como a publicação oficial da rede Iberoamericana e Brasileira de Ciência, Tecnologia e Gênero o que denota a importância da revista no cenário nacional e internacional.

Os CGT também foram tema de dois artigos acadêmicos publicados em revistas de renome nacional e internacional. Em ambos, os CGT foram

considerados o periódico que mais publica estudos sobre gênero e ciência e gênero e tecnologia.

O grande desafio que ora se apresenta às editoras dos CGT é conseguir melhorar a avaliação do periódico para que um maior número de pesquisadoras/es se interesse em publicar seus estudos neste veículo. Um sonho? Ver meu filhote criar asas e ter o CGT classificado como Qualis A1 (já que é para sonhar, sonho com o topo!). Estamos e seguimos na luta!

CGT – Você também foi uma das coordenadoras, além de professora, do GDE (Gênero e Diversidade na Escola), um curso de extensão sobre gênero e diversidade ofertado à professoras/es de educação básica. Poderia nos contar sua experiência com o GDE?

Lindamir - Esta foi uma experiência muito rica. Foram momentos de troca de experiência, de enriquecimento mútuo. Pudemos ter contato com profissionais que vivem na escola e que nos trouxeram depoimentos riquíssimos sobre o cotidiano escolar. Participei de todas as edições do curso ofertadas pelo GeTec/UTFPR e, em cada uma delas, tive novos aprendizados.

Esse contato me fez sentir mais humana, sensível e menor. As vezes a academia faz com que a gente perca os laços com a realidade e, esses encontros com as/os docentes me fez ter um choque de realidade. Sabia alguma coisa sobre a teoria, conhecia pesquisas, mas, desconhecia a prática, a sala de aula de escolas públicas, de periferia, espaço onde as relações se estabelecem e as desigualdades de gênero se manifestam. Como professora da UTFPR, tinha contato com estudantes de escola pública, porém, a realidade da rede municipal e estadual é muito diferente da realidade da UTFPR, instituição federal. Esses cursos me fizeram perceber que pouco sei sobre educação pública.

Os depoimentos de participantes nas diversas edições do curso me fizeram ter certeza sobre a importância de espaços como aqueles, nos quais as professoras e professores podiam contar suas experiências, dividir suas angústias e construir conhecimento. Precisamos de mais espaços como aqueles, porém, com o desmonte impetrado por este governo ilegítimo, os cursos cessaram. É uma pena!

CGT – Para encerrar, há alguma questão que não foi levantada nesta entrevista e que você gostaria de pontuar?

Lindamir - Não, apenas agradecer a oportunidade de falar (escrever) como Lindamir, a pessoa e não a professora pesquisadora. Às vezes é bom esquecer o jeito acadêmico e mostrar um pouco do que somos, do que pensamos, da história, da trajetória, sem pensar em normas e regras. Muito obrigada!

NOTAS

¹ Entrevista realizada à distância, via e-mail, por Lucas Bueno de Freitas, o qual também foi responsável pela elaboração do preâmbulo. A entrevista ocorreu no ano de 2017